

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

MILENA CHAVES RIBEIRO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

O texto Gerador I, é uma entrevista sobre “*A Violência no ambiente escolar*” feita com o educador Rubem Alves:

AVIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Entrevista feita por Mariana Verdelho.

Qual sua opinião sobre a violência no ambiente escolar?

A violência é generalizada. O interessante é que, em todas as instituições, onde há um grupo com poder absoluto, a violência aparece. Pode ser partido político, convento, associação de prostitutas... Qualquer organização, se tiver monopólio, a violência aparece. E no caso das escolas, não só as crianças sofrem, mas os professores também sofrem muito. Embora eles não saibam, eles são os culpados involuntariamente. Os professores estão envolvidos demais naquilo que eles chamam de “grade curricular”. Aliás, já brinquei que esse termo foi inventado por carcereiro desempregado... Os professores estão “engradados” naquilo e os alunos também. Porém, os alunos não têm interesse. Será que um adolescente de 14 anos, da periferia, vai se interessar por análise sintática? O que tem a ver com a vida dele? Os alunos, quando envolvidos em coisas que fazem sentido para eles, são extraordinários. Eles querem fazer alguma coisa que dê sentido, que envolva ação. Ficar sentado na cadeira o dia inteiro é contrário à psicologia das crianças e dos adolescentes.

Então a escola tem culpa?

Na escola você pensa português. Toca campainha. Pensa matemática. Toca campainha. Pensa história... Isso é uma violência com cabeça da gente. A cabeça não funciona assim. Você não pode dizer para cabeça “pense isso, pense aquilo”. Obrigar a pensar... Imagina um problema de matemática... Você está lá e aí toca campainha. Você tem que parar de pensar na matemática e tem que pensar outra coisa. A organização da escola é muito parecida com organização de fábrica: todas as crianças são iguais, tem interesses

iguais, aprendem as mesmas coisas, no mesmo tempo, mesma velocidade... Só que aí você vê um problema sério: a integração das crianças. Não gosto de eufemismos como “portador de deficiência”. Esse negócio de “portador”... Quer dizer que eu não sou deficiente, a minha deficiência eu carrego numa bolsinha pendurada no meu dedo? É deficiente mesmo. Aquele que não tem uma perna, que tem o QI baixo... E você colocar uma criança com deficiência junto com outras é mesma coisa que colocar um corredor com uma perna só no meio de outros que tem 2 pernas. Ele não tem jeito de acompanhar os outros e isso cria um problema sério. Mas a escola não prevê isso. Quer dizer, a questão de integrar não é só botar lá dentro. A forma que a escola funciona não é uma forma que possibilita a aprendizagem de uma criança e de um adolescente deficiente.

Quando você inclui é que surge a gozação?

Surge aquela coisa terrível que é chamada bullying. Não existe expressão em português para isso. Bullying em inglês é o valentão. Aquele que tem prazer vendo o sofrimento dos outros. Não é aquela briga normal - porque briga na escola é normal. O bullying é uma coisa sistemática. Todo dia tem uma tortura. Pode ser física, como em casos dolorosos que envolvem a vida das pessoas, ou então a simples caçoada. Os professores são vítimas também. Para resolver este problema ele precisa ser um professor especial. Não é o durão, não. É o que desperta admiração dos alunos.

Essa violência na escola é mais recente ou sempre existiu?

Para lhe dizer a verdade, eu não sei como era a violência entre alunos. Eu sei é que os professores, a escola antiga, eram muito violentos. Eu me lembro de um tio que descrevia a experiência dele... Os alunos que não sabiam as respostas, o professor pegava rapé, fazia cheirar e levava para palmatória. A escola era violenta, alunos eram vítimas, tinham medo. Isso de prestar atenção no aluno é coisa nova. O que se adotou no passado foi a violência, a ameaça como artifício pedagógico para os alunos aprenderem melhor.

E como acontece a violência hoje?

Há líderes de vários tipos. Há o do bullying, que congrega o grupo dele, mas há outros líderes capazes de juntar alunos para fazer coisas. O professor deve ter sensibilidade para descobrir lideranças e trabalhar com elas questões importantes. Se der questões, os alunos colaboram. Eu tenho uma filha adotiva que está com 9 anos de idade. Mas desde os 7 anos, ela se queixa de um movimento natural das meninas de segregar umas às outras. Há um jogo permanente entre elas. Algumas são mais charmosas, as outras querem ficar com elas durante o recreio. Então elas escolhem quais vão ser as companheiras no recreio e exclui as outras. É um jogo muito perverso e ninguém precisa ensinar a elas como fazer esse jogo de perversidade. Elas aprendem não sei como. Só que ela sofre com isso. Um dia ela estava chorando porque uma das coleguinhas a recusou como companheira na hora do recreio... O que faz as pessoas serem assim? Não tenho a menor idéia, está dentro delas. Eu não sei qual é a maldade que existe no coração humano que faz com que ele tenha prazer em diminuir o outro. Talvez diminuindo outra pessoa ele tenha a sensação de que é maior...

Existe falta de limites?

Sim. Os pais não sabem estabelecer limites. Então, as crianças crescem sem limites. Certa vez, havia um casal com uma criança de uns 7 anos. O menino chegou e me deu um murro. Eu olhei para o pai e para a mãe esperando que eles fizessem alguma coisa, mas eles não fizeram nada. Então, eu me ajoelhei e disse “ah, eu também gosto muito dessa brincadeira de dar murro. Vamos brincar de dar murro? Você dá um murro aqui em mim e eu dou um murro aqui em você, pode dar.” Evidentemente, ele não deu (e se ele me desse é claro que eu não ia fazer nada). Foi um jogo que eu fiz. Mas o pai tinha que ter dito para o filho alguma coisa, porém não disse. Então, ele deu permissão para o menino fazer. O que acontece é que essas pessoas crescem sem sentimento de culpa... Sentimento de culpa é uma praga, terrível, mas se você não tiver, acaba sendo criminoso. Sentimento de culpa é se sentir responsável. É a base do sentimento, da moral, e os pais precisam desenvolver o sentimento saudável de culpa para as crianças desenvolverem consciência. A consciência é uma gotinha de culpa dentro de mim que diz assim “você não pode fazer isso. Se você fizer isso, você cria um sofrimento para outras pessoas”.

Qual deveria ser o papel da escola?

A coisa mais importante na escola - quem disse isso foi Roland Bart – é a “maternagem”... É assim... A mãe está na sala fazendo alguma coisa, trabalhando, lendo, fazendo tricô e a criança solta. A criança vem e sai. A mãe brinca um pouco... O importante é o espaço de liberdade e ausência de medo criado em torno da mãe. É uma presença que garante que espaço pode ser explorado porque está protegido. Agora, a escola ensina tanta coisa que não tem o menor sentido. Por exemplo: eu sei resolver a equação “-b+acnjhgzigfs”, mas não tenho a menor ideia para que serve... As crianças sabem para que serve o dígrafo? O menino me escreveu dizendo que a professora mandou grifar os dígrafos dos meus livros... O que é isso??? Eu não sei o que é dígrafo! O que eu vou fazer com dígrafo? Quem inventou isso? É irracional. Por isso que a criança pergunta “por que tenho que aprender isso?” E a gente não tem resposta... Se a resposta fosse “porque isso vai ajudar naquilo” a criança entenderia. As escolas precisariam ficar mais inteligentes. Já falei para os pais que, em vez de dar presente, comprem uma caixa de ferramentas. Isto é laboratório de física mecânica e a criança adora mexer!

Os pais mimam os filhos com coisas?

Sim, uma forma de se livrar do filho é mimá-lo. Você dá o objeto... Internet é importante, mas também pode ser uma forma de se livrar do filho. A relação do pai, aquela tão boa de ir com filho para cama e contar história. Não importa a história, mas sim a relação... Hoje, os pais tendem a terceirizar a educação. Você não faz a coisa, mas paga alguém para fazer. Você não educa, mas se sente bem porque paga escola cara. Ao fazer isso, não há mais relação. Há um problema porque os pais não sabem o que é educação. Aham que educar é fazer passar no vestibular...

<http://www.papodema.com.br/2010/01/bullying-entrevista-com-rubem-alves.html>

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

Embora conste na entrevista (no início ou no fim) o nome da pessoa que fez as perguntas, raramente ele é usado no corpo do texto. Algumas publicações usam o próprio nome antes das perguntas, em vez do nome do entrevistador. Outras diferenciam perguntas e respostas por meio de recursos gráficos (como por exemplo, negrito ou itálico), sem identificar explicitamente os participantes. Na entrevista que você leu:

- a) Em que parte aparece o nome do jornalista que a realizou? Qual o nome dele?
- b) Como são identificados o entrevistador e o entrevistado?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

Nesta questão, o aluno deverá notar que o negrito foi utilizado como marca para as perguntas do entrevistador e o itálico para as respostas do entrevistado. Estes recursos foram utilizados para que, visualmente ficasse mais fácil distingui-los sem necessariamente mencionar seus nomes no corpo do texto. Porém seria interessante alertá-los que, tanto o nome do entrevistado quanto do entrevistador devem obrigatoriamente aparecer na entrevista. Neste caso, o nome do entrevistador Mariana Verdelho, aparece logo abaixo do título da reportagem. O entrevistador é identificado pelo uso de letras em negrito e o entrevistado pelas letras em itálico.

TEXTO GERADOR II

O texto gerador II, trata-se de uma Reportagem sobre o *Cyberbullying* _que é o Bullying praticado na internet.

CYBERBULLYING: A VIOLÊNCIA VIRTUAL

Todo mundo que convive com crianças e jovens sabe como eles são capazes de praticar pequenas e grandes perversões. Debocham uns dos outros, criam os apelidos mais estranhos, reparam nas mínimas imperfeições"- e não perdoam nada. Na escola, isso é bastante comum. Implicância, discriminação e agressões verbais e físicas são muito mais frequentes do que o desejado. Esse comportamento não é novo, mas a maneira como pesquisadores, médicos e professores o encaram vem mudando. Há cerca de 15 anos, essas provocações passaram a ser vistas como uma forma de violência e ganharam nome: bullying (palavra do inglês que pode ser traduzida como "intimidar" ou "amedrontar"). Sua principal característica é que a agressão (física, moral ou material) é sempre intencional e repetida várias vezes sem uma motivação específica. Mais recentemente, a tecnologia deu nova cara ao problema. E-mails ameaçadores, mensagens negativas em sites de relacionamento e torpedos com fotos e textos constrangedores para a vítima foram batizados de cyberbullying. Aqui, no Brasil, vem aumentando rapidamente o número de casos de violência desse tipo.

No espaço virtual, os xingamentos e as provocações estão permanentemente atormentando as vítimas. Antes, o constrangimento ficava restrito aos momentos de convívio dentro da escola. Agora é o tempo todo. Os jovens utilizam cada vez mais ferramentas de internet e de troca de mensagens via celular - e muitas vezes se expõem mais do que devem. A tecnologia permite que, em alguns casos, seja muito difícil identificar o(s) agressor(es), o que aumenta a sensação de impotência.

Raissa, 13 anos, conta que colegas de classe criaram uma comunidade no Orkut (rede social criada para compartilhar gostos e experiências com outras pessoas) em que comparam fotos suas com as de mulheres feias. Tudo por causa de seu corte de cabelo. "Eu me senti horrorosa e rezei para que meu cabelo crescesse depressa." Esse exemplo mostra como a tecnologia permite que a agressão se repita indefinidamente. A mensagem maldosa pode ser encaminhada por e-mail para várias pessoas ao mesmo tempo e uma foto publicada na internet acaba sendo vista por dezenas ou centenas de pessoas, algumas das quais nem conhecem a vítima. "O grupo de agressores passa a ter muito mais poder com essa*

ampliação do público”, destaca Aramis Lopes, especialista em bullying e cyberbullying e presidente do Departamento Científico de Segurança da Criança e do Adolescente da Sociedade Brasileira de Pediatria. Ele chama a atenção para o fato de que há sempre três personagens fundamentais nesse tipo de violência: o agressor, a vítima e a plateia. Além disso, de acordo com Cléo Fante, especialista em violência escolar, muitos efeitos são semelhantes para quem ataca e é atacado: déficit de atenção, falta de concentração e desmotivação para os estudos.

Esse tormento permanente que a internet provoca faz com que a criança ou o adolescente humilhados não se sintam mais seguros em lugar algum, em momento algum. Na comparação com o bullying tradicional, bastava sair da escola e estar com os amigos de verdade para se sentir seguro. Agora, com sua intimidade invadida, todos podem ver os xingamentos e não existe fim de semana ou férias. “O espaço do medo é ilimitado”, diz Maria Tereza Maldonado, psicoterapeuta e autora de A Face Oculta, que discute as implicações desse tipo de violência. Pesquisa feita este ano pela organização não governamental Plan com 5 mil estudantes brasileiros de 10 a 14 anos aponta que 17% já foram vítimas de cyberbullying no mínimo uma vez. Desses, 13% foram insultados pelo celular e os 87% restantes por textos e imagens enviados por e-mail ou via sites de relacionamento.

Publicado em NOVA ESCOLA Edição 233, JUNHO/JULHO 2010. Título original: Violência virtual

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2

Fazem parte da estrutura de uma reportagem: o **título**; o **lead**, complemento do título, responsável por fornecer as principais informações da reportagem; e o **corpo do texto**, que é o desenvolvimento do texto propriamente dito.

Com base nessas informações, identifique esses elementos no texto. Explicando como o tema anunciado no título do texto é resumido no lead e desenvolvido ao longo do texto.

Habilidade trabalhada

Reconhecer as características estruturais de uma reportagem: manchete, lead e corpo de texto.

Resposta comentada

Nesta atividade, o aluno deverá saber cada elemento estrutural de uma reportagem: Título ou manchete – Geralmente escrito em letras garrafais (maiúsculas), tem por objetivo atrair a atenção do público-alvo para o que se deseja comunicar. Daí o perfil atrativo, composto por frases concisas, embora bastante objetivas.

Lead – Refere-se ao primeiro parágrafo e, de forma sucinta, apresenta todos os aspectos relevantes da comunicação em pauta, respondendo aos seguintes elementos constitutivos: Como? Onde? Quando? Por quê? Quem? .

Corpo da reportagem – Caracteriza-se pelo desenvolvimento em si, apontando todos os pontos relevantes ao assunto abordado.

Portanto, quando esses elementos aplicados na reportagem em questão ficariam assim: o título: Cyberbullying: a violência virtual tem como objetivo atrair a atenção do leitor (que sendo uma reportagem da Revista Nova Escola, tem como público-alvo educadores e alunos), por se tratar de um tema polêmico. O Lead, que é o 1º parágrafo, explica que a prática de Bullying, apesar de ser antiga, vem recebendo mais atenção de pais e educadores em geral. E que, com o crescimento da tecnologia, uma nova prática de Bullying surgiu: o Cyberbullying, que é o bullying praticado através da internet. Ao longo do **corpo** da reportagem, os fatos apresentados no lead são comprovados por meio de exemplos como o da adolescente Raíssa, vítima de Cyberbullying, e com a opinião de Aramis Lopes, especialista em *bullying e cyberbullying* e presidente do Departamento Científico de Segurança da Criança e do Adolescente da Sociedade Brasileira de Pediatria. E Cléo Fante, especialista em violência escolar, que apontam como este tipo de violência pode afetar a vida de crianças e adolescentes.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

Em uma reportagem, é comum o jornalista citar opiniões de pessoas especializadas ou envolvidas com o tema em questão. Esta citação pode se dar de duas maneiras: através do discurso direto ou indireto.

Com base em tais observações, leia a citação a seguir: “*O grupo de agressores passa a ter muito mais poder com essa ampliação do público.*” Informe o tipo de discurso utilizado em tal citação.

Habilidade trabalhada

Reconhecer as formas de reportar uma fala pelo uso dos discursos direto, indireto e indireto livre.

Resposta comentada

Primeiramente, explicar aos alunos as diferenças entre os discursos direto e indireto: No discurso direto é a própria pessoa quem dá voz à sua citação, marcadas pelo uso do travessão ou de aspas. Já no discurso indireto, o jornalista (narrador) faz-se o intérprete delas, transmitindo ao leitor o que disseram ou pensaram. Portanto, podemos dizer que o discurso utilizado na citação foi o Discurso Direto.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

A revista Nova Escola é uma publicação voltada não só para educadores, mas para a comunidade escolar em geral que trata de assuntos relevantes a este grupo. Para ter uma proximidade maior com seu público-alvo, as revistas adequam sua linguagem a eles. Observando a linguagem empregada na reportagem em estudo, podemos dizer que ela é:

- a) Clara, direta, acessível aos seus leitores;
- b) Subjetiva e inacessível a maioria dos leitores;
- c) Pessoal, com emprego de palavras de uso não corrente na língua;

Habilidade trabalhada

Reconhecer a adequação linguística utilizada pelo repórter para construir uma reportagem.

Resposta comentada

Os alunos devem estar cientes de que a linguagem utilizada deve estar de acordo com o tipo de publicação e com seu público alvo. Ela deve ser de fácil compreensão, com uma linguagem clara, direta e acessível ao seu público-alvo, portanto, a opção correta é a letra **A**.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 5

Reúna-se com seus colegas em grupos de 4 ou 5 integrantes, para, juntos, produzirem uma entrevista oral, sobre os temas abordados nos textos lidos anteriormente: BULLYING E CYBERBULLYING. Depois de transcrita a entrevista deverá fazer parte de um mural.

Fiquem atentos às seguintes informações:

- A pessoa entrevistada, deve ter relação com o assunto abordado na entrevista: professores, diretores de escolas, pais de alunos e os próprios alunos;
- Procurem conhecer o entrevistado e sua relação com o tema abordado;
- Façam previamente um roteiro de perguntas;
- As perguntas devem ser curtas e objetivas;

- Ao entrevistar, não confiem na memória: utilize um gravador de voz. Apresentem uma pergunta de cada vez e saibam ouvir. Fiquem atentos às respostas, pois vocês podem aproveitar um comentário do entrevistado e improvisar uma pergunta que resulte numa resposta interessante.

Habilidade trabalhada

Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog.

Comentários

É fundamental que o professor discuta cada um dos itens com os alunos. Lembrá-lo de que em hipótese alguma deverá esquecer de informar o nome do entrevistado e também o seu como entrevistador.

Ficaria também interessante se cada grupo fizesse a capa de uma revista e se colocassem como repórteres desta revista, que fizessem uso de imagens e logotipos para legitimar a mesma.